



Cadernos da Controladoria

Nova série Ano VIII, nº 1 - março de 2008

A ética e a cabeça dos brasileiros

Apresentação

Damos início hoje aos Seminários da Controladoria em 2008. A palestra de abertura do ano será do professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense, Alberto Carlos Almeida.

Doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), o professor Alberto Carlos foi pesquisador visitante na London School of Economics e coordenou as pesquisas eleitorais de opinião do DataUFF entre 1996 e 2002 e da Fundação Getúlio Vargas de 2002 a 2005. Também é articulista do jornal Valor Econômico e diretor de planejamento da Ipsos Public Affairs, responsável pelo Pulso Brasil, uma pesquisa mensal sobre consumo, economia e política.

O professor Alberto Carlos é autor dos seguintes livros: A cabeça do eleitor (no prelo), A cabeça do brasileiro (de 2007), Como são feitas as pesquisas eleitorais e de opinião (de 2002) e Presidencialismo, parlamentarismo e crise política no Brasil (de 1998). Na sua palestra de hoje nosso convidado irá abordar o tema "A ética e a cabeça dos brasileiros". Agradeço a sua presença, professor, em nome da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Tenho certeza que este é um tema essencial para debate no Brasil hoje. A palavra é sua.

Lino Martins da Silva Controlador Geral do Município





A ética e a cabeça dos brasileiros

Alberto Carlos Almeida

Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 2008

Primeiramente gostaria de agradecer o convite da Controladoria Geral. É uma satisfação ministrar uma palestra na Prefeitura do Rio. Há dois anos e meio saí do Rio de Janeiro e fui morar em São Paulo, mas passei a minha vida inteira nesta cidade e foi na UFF que tive a chance de coordenar a pesquisa que resultou no livro *A cabeça do brasileiro*, lançado no segundo semestre de 2007 pela editora Record. O trabalho foi feito com base em uma dotação financeira da Fundação Ford para realizar pesquisas no mundo inteiro, a maioria vinculada a universidades que pesquisam o que em inglês é chamado de *core values*, que

pode ser traduzido para o português como valores básicos. Toda sociedade possui alguns valores básicos, que são protocolos de comportamento, hierarquias, e cada sociedade educa as pessoas de uma forma. Quando morei em Londres percebi algumas curiosidades. A educação anglo-saxônica é imediatista para pagar a dívida. Se você emprestar dinheiro para um americano ou inglês (qualquer que seja o valor), no dia seguinte ele pagará aquela quantia para se livrar da obrigação. Já o brasileiro o fará em longo prazo, quando tiver a oportunidade de pagar, porque são estabelecidos laços.

A pesquisa sobre os valores básicos é realizada em todo o mundo. Sendo assim, decidimos fazê-la em 2002. Apesar de ela ter sido feita em 2002, os resultados ainda são válidos porque os valores básicos demoram de 20 a 30 anos para mudar. Em geral, a mudança de valores básicos se dá com a troca de gerações. As pessoas que têm de 40 a 60 anos pensam de maneira diferente das que têm mais de 60 anos e daquelas entre 18 e 24 anos porque foram educadas de maneira diferente. Isso acontece em todos os lugares do mundo.

Um segundo ponto importante é que, quando a nossa equipe decidiu pesquisar esse assunto, a primeira pergunta que surgiu foi com relação à fonte em que nos basearíamos. A decisão foi utilizar grande parte da obra do antropólogo Roberto DaMatta e muitos de seus seguidores porque ele conhece bem o Brasil, possui boas interpretações a respeito do nosso País. Eu tinha até uma razão pessoal para isso porque quando estava no início da graduação e li o DaMatta pela primeira vez suas idéias me incomodaram muito, porque eu achava que estavam erradas. Já no final da graduação passei a acreditar que ele estava certo. Sendo assim, fizemos a pesquisa para tirar a prova dos nove.

O DaMatta de alguma maneira sintetiza pensadores brasileiros que estudaram o Brasil de forma não tão clara quanto ele, como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Oliveira Vianna. O DaMatta utilizou conceitos muito claros, que permitem ser medidos em pesquisas quantitativas. No decorrer da palestra irei mostrar e interpretar algumas estatísticas. De um modo geral, todos os assuntos a serem abordados nesta apresentação falam de alguma maneira de ética ou de valores, de hierarquia, o que é mais e o que é menos importante para os brasileiros. No livro há um capítulo dedicado à ética no serviço público e também tratamos da ética com relação à nossa visão da cor das pessoas.

Tendemos a conviver com pessoas parecidas conosco. Mas será que o Brasil é assim? Realmente conhecemos o nosso país? Antes de a inflação cair, as pessoas iam embora do Brasil porque não agüentavam a instabilidade. Atualmente há pessoas que viajam para o exterior, comparam a organização nos dois países e decidem se mudar por acreditarem que viverão em lugares onde as coisas são mais ou menos certas, o que tem a ver com ética. As pessoas não entendem porque o Brasil é assim. Os resultados da pesquisa nos ajudam a entender isso. A grande maioria dos indivíduos com a qual interagimos não é tão parecida conosco como imaginamos porque possui uma escolaridade baixa.

O Brasil que imaginamos nem sempre é o Brasil como realmente é, daí a nossa indignação com determinadas coisas que acontecem aqui e que não entendemos por que não são resolvidas rapidamente. A amostra é probabilística. As classes A e B possuem poucos representantes no Brasil; as classes D e E são maiores. A escolaridade baixa é predominante no Brasil, poucos possuem nível superior no País; é quase uma elite. Isso nos causa espanto, porque o Brasil funciona com base nessa composição de classe, ou seja, a classe e a escolaridade baixas são majoritárias no Brasil, o que tem relação com todos os resultados da pesquisa.

A pesquisa usou conceitos que estavam mais ou menos estabelecidos na obra de DaMatta que eram tidos mais como corretos do que como incorretos e os testou. No fundo temos de um lado a antropologia, que inspirou a maioria das perguntas e, de outro, números, estatísticas, métodos quantitativos. Digamos que esta seja a grande inovação da pesquisa: a mistura de conclusões qualitativas da antropologia com o método quantitativo. Foram realizadas 2.363 entrevistas com pessoas de 18 anos ou mais. É uma amostra probabilística nacional.

Entre os temas encontrados no livro A cabeça do brasileiro estão: jeitinho brasileiro (a professora de antropologia da UFF Livia Barbosa foi orientada pelo Roberto DaMatta em sua tese de doutorado sobre o tema, que mais tarde se transformou no livro O jeitinho brasileiro); "você sabe com quem está falando?" (as "carteiradas" dadas pelas autoridades); noção de espaço público; fatalismo; familismo; punições ilegais

(o professor de antropologia da UFF Roberto Kant de Lima, cujo doutorado foi feito na Universidade de Harvard, estudou a polícia do Rio de Janeiro - e apesar de serem conclusões locais é possível generalizá-las para as polícias de todo o Brasil de um modo geral porque ele mostra como o brasileiro resolve conflitos); sexualidade; paternalismo estatal e cor e raça.

Com relação à ética familista, podemos dizer que entre os casos que ocorrem no Brasil encontramos o emprego de parentes na Justiça e no setor público, em empresas familiares etc. Minha família é do Nordeste do Brasil. Tenho um tio que possui uma construtora no Ceará e emprega vários familiares. Se a construtora vai mal, ele não demite os funcionários porque há uma ética familista. Para o meu tio, a família está acima do desempenho da empresa. Se ele tiver de escolher entre demitir um parente e ter um prejuízo, ele opta por vender algum item de seu patrimônio a fim de sanar a dívida da empresa. A confiança na família é muito maior do que a confiança em demais instituições. Para os brasileiros há uma distância brutal entre confiar em um familiar ou em um amigo, daí a nossa dificuldade em fazer sociedades. A preferência é pelo familiar, por achar que ele não irá nos passar para trás.

Todo mundo confia mais na família, mas entre aqueles que possuem nível superior completo a distância entre confiar na família e nos amigos é menor do que para os entrevistados de classe baixa. O dado sugere que, se houver associação empresarial entre dois amigos, haverá maior probabilidade de isso acontecer entre pessoas que possuam escolaridade mais alta do que entre aquelas que possuem escolaridade mais baixa. E sabemos que empiricamente acontece assim.

Há uma pergunta na pesquisa sobre destino. Apresentamos algumas frases e perguntamos às pessoas com qual elas se identificavam mais. Deus decide todo o destino (32% concordam), Deus decide o destino, mas as pessoas podem mudá-lo um pouco (28%), Deus decide o destino, mas as pessoas podem mudá-lo muito (24%) e não há destino; as pessoas decidem tudo sobre suas vidas (14%). O brasileiro acredita que o destino está nas mãos de Deus e isso tem uma correlação com a escolaridade: quanto menor a escolaridade, mais a pessoa acredita que o destino está nas mãos de Deus, e quanto maior a escolaridade, menos ela acredita nisso. Grupos diferentes acreditam em coisas diferentes.

Sobre o tema sexualidade, podemos dizer que o brasileiro é aparentemente liberal. Comemoramos o carnaval há poucos dias. A interpretação do DaMatta sobre o carnaval é que faz-se nessa época do ano coisas que não são feitas durante o ano inteiro, como vestir fantasia. No livro dou um exemplo de um episódio que aconteceu em São Paulo: dois gays se beijaram em um shopping e o segurança os expulsou de lá. Quando os homossexuais afirmaram que um casal de heterossexuais havia feito o mesmo, o segurança alegou que eles podiam. Na pesquisa perguntamos a opinião sobre o homossexualismo masculino e o feminino e a maioria foi contra: 81% totalmente contra o masculino e 78% totalmente contra o feminino. Sobre o sexo anal 74% são contra; e 61% são contra o homem fazer sexo oral na companheira. Não estou dizendo que o fato de a pessoa ser contra significa que ela não faz, mas que a probabilidade de ela fazer diminui. Entre os analfabetos, somente 17% são a favor da masturbação masculina, contra 71% entre os que possuem nível superior. Quanto maior a escolaridade, mais a pessoa é liberal em termos de aceitar diferentes práticas sexuais. Como essa é uma pesquisa de valores, não pergunta se faz ou não, quer saber a visão que a pessoa tem. A literatura sobre o tema mostra que o nosso comportamento está ligado aos nossos valores. Não é uma ligação de 100%, mas é uma relação forte. É possível que uma mulher que tenha uma opinião contrária ao sexo oral o faça? Sim, mas ela não fará isso mais do que uma mulher que é a favor.

Um dado curioso é que o livro foi lançado antes do filme "Tropa de Elite", mas ensina que o treinamento da polícia no Brasil inteiro é um e o comportamento é outro. Não sei se vocês já tiveram acesso a um manual de Academia de Polícia. Se há uma perseguição na rua, a polícia não pode dar tiro. Os manuais pregam que o tiro só pode ser dado se não colocar em risco a vida de nenhum pedestre. É claro que a polícia não age assim. E o que acontece quando um policial mata o bandido em uma circunstância dessa? Ele é condecorado pelo batalhão em que está lotado. Na realidade, o comandante do batalhão está expressando um desejo da sociedade: ela quer que a polícia seja violenta com relação a suspeitos e bandidos. Daí o sucesso do filme "Tropa de Elite", e os dados mostram isso.

O fato de um esturador sofrer abuso sexual na cadeia por outros presos é sempre certo para 26%, certo na maioria das vezes para 13% e errado na maioria das vezes para 15%, o que mostra que, se somarmos

esses três percentuais, para 54% dos entrevistados é aceitável que um condenado por estupro seja estuproado na cadeia por outros presos. A polícia espancar presos para eles confessarem crimes é aceitável para 54%; a polícia matar assaltantes e ladrões depois de prendê-los é apoiado por 52%; a população linchar suspeitos de crimes muito violentos é aceitável para 48%. Linchamento é uma prática socialmente aceita no Brasil. Isso mostra mais uma vez a razão do sucesso de "Tropa de Elite". Um crítico internacional afirmou recentemente que o filme é fascista, mas nenhum brasileiro vai dizer isso pelo fato de apoiar a violência policial. Quanto mais baixa a escolaridade, mais a pessoa apóia o que chamei no livro de punições ilegais. Muitas vezes elas são injustas porque são punidas pessoas que não tiveram direito à defesa. É claro que inocentes são prejudicados.

Há coisas que estão sempre certas e outras sempre erradas. O jeitinho depende da situação, é uma moral contextual. No livro chamo isso de zona cinzenta moral. No Protestantismo americano não existe meio termo. Todos no mundo dão jeitinho, mas o americano não se orgulha disso, ao contrário do brasileiro. Na pesquisa apresentamos 19 situações e perguntamos se era favor, jeitinho ou corrupção - porque o favor é sempre certo, a corrupção sempre errada e o jeitinho depende da situação. Uma pessoa que costuma dar boas gorjetas ao garçom do restaurante para quando voltar não precisar esperar na fila: para a maioria (60%) é jeitinho. Uma pessoa que trabalha em um banco ajudar um conhecido que tem pressa a passar na frente da fila: para 56% é jeitinho. Uma pessoa que conhece um médico passar na frente da fila no posto de saúde: para a maioria (50%) é jeitinho. Uma mãe que conhece um funcionário na escola passar na frente da fila quando vai matricular seu filho: é jeitinho para a maioria. Alguém conseguir liberar um empréstimo do governo de forma mais rápida porque possui um parente no governo? É jeitinho, como pedir a um amigo que trabalha no serviço público para ajudar a tirar um documento mais rápido que o normal são situações caracterizadas como jeitinho. Basicamente todas as situações de jeitinho envolvem furar fila. A fila na maioria das vezes é uma regra informal, social.

Na cabeça do brasileiro, quebrar uma regra informal é jeitinho; quebrar uma regra formal é corrupção. Na pesquisa, o fato de uma pessoa ter dois empregos, mas só ir a um deles (o que era comum no Brasil) é considerado corrupção porque é uma regra formal. Uma pessoa ter bolsa de estudos e um emprego ao mesmo tempo também é considerado corrupção.

Podemos deduzir que uma sociedade que classifica a quebra de regra informal de uma maneira que pode ser positiva ou negativa tem muito mais dificuldade de controlar a corrupção do que uma sociedade que não classifica assim. O apoio social do brasileiro à corrupção pode ser deduzido não perguntando se as pessoas apóiam ou não a corrupção (todo mundo é contra), mas analisando se existe a ética do jeitinho ou não. Quanto mais forte a ética do jeitinho, mais dificuldade de se combater a corrupção. Como grande parte da sociedade brasileira possui uma escolaridade muito baixa, é bastante difícil combater a corrupção de uma maneira consistente e sustentável em longo prazo, porque não existe a massa crítica que teoricamente seria mais contrária à corrupção. Esse processo é lento.

Temos também o patrimonialismo: tratar o público como se fosse privado. É o caso recente do uso dos cartões corporativos no governo federal. Claro que todos são contra o cartão corporativo, mas pergunto: quem dá festa com o som alto se preocupa com os vizinhos? Eu já fiz isso e vibrava porque via o episódio como uma espécie de vingança, porque eles já haviam feito o mesmo comigo. O nosso espaço privado é a nossa casa, quando perturbamos alguém fora dela estamos invadindo o espaço público. Na pesquisa, 51% dos entrevistados discordam que o fato de se dar uma festa com som alto significa não se preocupar com os vizinhos. O prefeito Cesar Maia sempre se esforçou para combater os camelôs. A maioria também discorda que ninguém deve usar ruas e calçadas para vender produtos (60%). A sociedade apóia o camelô, daí a resistência enorme que se encontra em qualquer lugar do Brasil para combatê-lo. Quem constrói uma casa em terreno público abandonado não se preocupa com o que é público: 51% discordam. Cada um deve cuidar somente do que é seu, e o governo cuida do que é público: 74% concordam. Isso está por trás da aceitação do uso do cartão corporativo. Não importa se é governo Fernando Henrique ou Lula, pois o livro não trata de um governo em particular, mas sim da sociedade. Podemos trocar o governo, mas o pensamento será o mesmo, porque a sociedade pensa assim. Primeiro devemos mudar a sociedade para que os governantes se comportem de maneira diferente, porque a sociedade é que irá impor um comportamento diferente. Podemos eleger todos os governantes com nível superior completo, mas a grande maioria dos eleitores é de escolaridade baixa. Então, por que ele irá se comportar de acordo com a ética que o move em foro íntimo, e não foro externo (que seria o voto, a punição eleitoral)? Um funcionário

que trabalha em uma empresa não deve usar o telefone do trabalho para fazer um serviço por fora: 42% dos entrevistados discordam.

Há três símbolos no Brasil cuja hipótese de privatização resultaria em escândalo: Petrobras, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal. O brasileiro é muito estatista. A pesquisa também perguntou a opinião quanto ao controle de algumas áreas (governo, empresas particulares ou ambas). Nas áreas de justiça, saúde, educação, estradas, recolhimento de lixo, energia elétrica e bancos ganha o governo. Há um certo empate quanto ao controle dos transportes. Já para telefonia fixa, telefonia celular e fabricação de carros ganham as empresas privadas. O brasileiro gosta da presença do Estado. No desfile das escolas de samba deste ano a Beija-Flor de Nilópolis trouxe o governador do Amapá entre seus componentes. No ano em que Lula foi eleito, um boneco representou o presidente em um dos desfiles. Quanto mais baixa a escolaridade, mais estatista a pessoa é.

Há situações também de regulação. Os casos anteriores se referiam à produção de bens e serviços. Pedimos que os entrevistados discordassem ou concordassem. O governo deve controlar os preços de todos os produtos vendidos no Brasil: a maioria concorda. O governo deve definir o valor dos salários de todos os funcionários de todas as empresas do país: a maioria também concorda. O governo deve dizer tudo o que as empresas têm que fazer, como quantos banheiros elas devem ter: a maioria concorda. O governo deve controlar o preço de todos os serviços básicos, como transporte: a grande maioria concorda. O brasileiro valoriza o caráter regulatório do governo. Daí a dificuldade em privatizar, o que só é possível à beira do abismo, quando há uma dívida pública enorme e o governo não consegue gerir, por exemplo. Isso é feito por mal, pois por bem (com a maioria da população apoiando) não é possível. O governo deve socorrer as empresas em dificuldade: a grande maioria, com escolaridade mais baixa, concorda. Quanto mais baixa a escolaridade, menos capitalista a pessoa é.

Um exemplo típico da obra do DaMatta: pessoas diferentes têm direito a espaços diferentes e lugares diferentes na sociedade. Em setembro de 2007 o trem que fazia o trajeto de inauguração das obras de revitalização do acesso ferroviário ao Porto do Rio foi alvo de disparos de traficantes quando passava pela favela do Jacarezinho - o 'trem bala'. Na ocasião o governador Sérgio Cabral afirmou que seria enérgico. Por quê? Porque havia autoridades no trem. Ele fez essa afirmação porque a sociedade é hierárquica. Se ele não tivesse feito essa afirmação, a população ia pensar: se ele não é enérgico nem quando há autoridades imagina quando estivermos lá. O chefe de polícia na época afirmou que os bandidos só atiraram porque não sabiam que havia autoridades no trem. É verdade, porque eles sabem que a polícia vai perseguir. Se não houvesse autoridades, não haveria problemas: essa é a visão hierárquica que a pesquisa detectou.

Quando perguntamos o que a empregada doméstica deveria fazer se a patroa dissesse que ela pode assistir televisão na sala com ela, 59% acham que ela deve sentar na sala no sofá e assistir TV, mas 41% acham que ela deve pegar uma cadeira da cozinha ou assistir TV no seu próprio quarto. O que os empregados de um edifício deveriam fazer se os moradores dissessem que eles podem usar o elevador social? Quarenta e quatro por cento acham que se deve usar o elevador social e 56% acreditam que se deve continuar usando o elevador de serviço. Podemos interpretar essa resposta da seguinte forma: pessoas diferentes têm direito a espaços físicos diferentes. Uma situação presente na obra de Tocqueville: nos Estados Unidos todos se tratam por "você". Na Inglaterra havia pronomes de tratamento (algumas pessoas eram tratadas por você, outras por senhor ou doutor, dependendo da hierarquia social). No Brasil quando uma pessoa deixa o cargo, ela continua sendo chamada por aquele título. Apesar de não ser mais presidente, o Fernando Henrique ainda é chamado como se assim o fosse.

Perguntamos qual atitude o empregado deveria ter se o patrão dissesse que pode ser tratado por "você"; 39% disseram que passariam a chamá-lo por "você" e 61% disseram que continuariam a tratá-lo por "senhor". Há filhos que chamam os pais de "senhor", principalmente nas classes baixas, porque essa é uma visão hierárquica. Quanto mais baixo estiver na pirâmide social, mais a pessoa se verá como desigual e aceitará que há pessoas superiores e inferiores. A sociedade liberal se define contratualmente: o patrão dá ordens e o empregado obedece - ainda que seja isso um contrato, transitório.

Os três últimos capítulos de livro não têm mais a ver com escolaridade, e sim com racismo. Apresentamos fotos de oito pessoas: três brancas, três pardas e duas pretas (segundo classificação do IBGE), sendo que,

dos pretos, um possuía nariz achatado e lábios grossos e o outro nariz afilado e lábios finos, o que deu diferença no resultado. Também houve preconceito com relação ao branco com cabeça chata. Quando perguntamos qual deles deveria ser o mais inteligente, os brancos ganharam; em segundo lugar ficaram os pretos e por último os pardos. A mesma ordem apareceu quando perguntamos qual parecia ser o mais honesto, ter mais estudo e ter modos mais educados. O preconceito é maior contra o pardo porque ele não é puro, é uma mistura - há livros da década de 30 no Brasil que afirmam isso. Quando perguntamos qual seria o mais preguiçoso, os brancos ganharam, seguidos pelos pardos e pelos pretos. Quanto a ser um criminoso, os pardos ficaram em primeiro lugar, seguidos pelos pretos e pelos brancos. Dar mais jeitinho: branco, seguido por pardo e por preto. Ser malandro: pardo e preto juntos, seguidos pelo branco. Ter menos oportunidade: preto, pardo e branco. Ser pobre: preto e pardo juntos e em seguida o branco. Assim é como o brasileiro vê a sociedade. O entrevistado tinha como opção responder que pela foto não era possível responder a essas perguntas (cerca de 10% responderam assim).

Quando perguntamos qual deles parecia ser advogado, o branco apareceu em primeiro lugar, seguido do pardo e do preto. Professor de nível médio: branco, pardo e preto; motorista de táxi: pardo, branco e preto; porteiro: pardo (quando é mostrada a foto do nordestino branco, ele dispara), preto e branco. Quando fizemos o pré-teste da pesquisa, havia menos três profissões e os pretos não lideravam nenhuma. Sendo assim, decidimos incluir lixeiro/varredor de rua, carregador e engraxate. Os pretos só ganham em engraxate. Isso mostra a dificuldade de ascensão social que tanto pardos como negros têm. A situação dos pardos é diferente qualitativamente da dos pretos.

Para pesquisar o preconceito normativo apresentamos uma cartela de fotos com variadas combinações de status (o branco como mecânico, advogado e professor; a mesma coisa para o pardo e para o preto) e perguntamos com quem a pessoa gostaria que a filha se casasse. O status tem algum impacto, mas a cor tem mais. O branco ganha em todas. O resultado foi este: branco mecânico em primeiro, depois pardo mecânico e em seguida preto professor de ensino médio. Branco advogado, pardo professor de ensino médio e preto mecânico de carro. Outra possibilidade: branco professor de ensino médio ganha de pardo advogado e preto advogado.

O preto prefere se casar com um preto e o branco prefere se casar com um branco. O pardo se mistura mais, o que faz sentido porque tem histórico de mistura na família, mas ele se mistura um pouco mais com o branco para embranquecer a família. Esses resultados independem da escolaridade. A preferência por se casar com branco é a mesma em todas as escolaridades, ou seja, para se combater o racismo não adianta aumentar a escolaridade. Se houver uma interação entre o status social elevado e a cor branca, haverá racismo associado à escolaridade porque a pessoa de escolaridade mais alta vai querer preservar o seu status social pela cor e pelo status.

Juntando-se todos os resultados, podemos concluir que a maioria é familista, hierárquica, patrimonialista e gosta do Estado e do jeitinho. Isso tem a ver com as dificuldades encontradas para se gerir a coisa pública. Não necessariamente tudo é cultura no sentido de que não dá para mudar a nossa herança ibérica. É claro que a herança tem peso, dá o ponto de partida, mas podemos alterá-la e o papel da escolarização é importante nesse sentido.

A pesquisa mostrou ainda que as mulheres são mais conservadoras sexualmente que os homens. Comparando-se as regiões do Brasil, o nordeste é mais conservador devido ao fato de a escolaridade ser mais baixa. Identificamos dois tipos diferentes de mentalidade: uma menos preconceituosa e outra mais conservadora. O primeiro é caracterizado por uma pessoa que possui nível superior completo, homem, jovem, morador da região Sudeste ou Sul e de uma capital de estado. O segundo, por alguém que não completou o ensino médio, mulher, idosa, moradora da região Nordeste e de uma cidade que não é capital de estado.

Quando socializamos uma sociedade as grandes forças são: família e religião (ambas conservadoras). O sistema escolar e o mercado de trabalho possuem relação entre si. A pessoa com escolaridade mais alta possui carteira assinada e tem regras e horários a seguir, pode ser punida etc. Por outro lado, o camelô, com escolaridade baixíssima, não tem regras.

Esse livro teve uma repercussão grande, foi assunto de matéria da revista Veja. O repórter conseguiu

encontrar no Rio de Janeiro um homem que possuía um cargo importante em uma agência de automóveis e possuía o nível médio ou menos e o filho tinha escolaridade mais alta. O pai era a favor do jeitinho e o filho, contra: é outra mentalidade. Apesar de provavelmente ele ter socializado o filho para achar que isso era certo, por conta do sistema escolar o filho passou a discordar do pai. Esse é um conflito geracional. Só para dar um exemplo, em 1876 um censo na Grã-Bretanha mostrou que 19% da população não conseguiam assinar o nome. O Brasil alcançou a taxa de 20% de analfabetos somente em 1991.

O sistema educacional prussiano (alemão) foi criado com base nas igrejas Luteranas, não existia escola pública para a população. Na trajetória católica, os jesuítas se especializaram em educar a elite: foi a primeira franquia globalizada de educação para a elite. Já os protestantes achavam que deveriam ensinar a população de escolaridade baixa a ler a Bíblia. Havia muitos padres analfabetos, somente entre bispos e cardeais havia mais alfabetizados. Já os protestantes traduziam a bíblia para a sua própria língua. A escolarização muda a nossa maneira de ver o mundo. A pessoa que se escolariza passa a ter mais dúvidas, a ser mais cética. Pessoas com escolaridade baixa acreditam que há soluções mágicas. Se uma pessoa com baixo nível intelectual perde o emprego, ela vai acreditar que o governo ou Deus podem resolver o problema. Já uma pessoa de nível mais alto vai pegar o currículo e procurar uma vaga em algum lugar, a visão é mais individualista e histórica. A pessoa com escolaridade baixa possui uma visão meio mítica e coletivista do mundo.

Voltando ao tema dos cartões corporativos, acredito que o elemento simbólico presente nele tenha um peso para a população diferente do que teve o 'mensalão', por exemplo. Ele é mais simples e direto para a população de instrução muito baixa entender. Os escândalos na mídia têm a ver com o valor simbólico e com a capacidade de compreensão da população com relação ao episódio. A quebra de sigilo bancário do caseiro Francenildo Santos Costa pelo ex-ministro da Fazenda Antônio Palocci* é uma repetição de outros episódios que já ocorreram no Brasil. Representa a força simbólica do pobre no País. Se o ex-ministro tivesse quebrado o sigilo de um rico, não haveria problema, porque ser pobre é algo bom na cultura brasileira. O pobre tem valor simbólico.

Tive acesso a dados do IBGE e constatei que durante o governo Fernando Henrique todas as crianças de 7 a 14 anos foram colocadas na escola, mas a evasão continua enorme, o problema ainda não foi resolvido no ensino fundamental. No nível médio nem se fala, já que ainda não foi universalizado no Brasil: aproximadamente 30% dos jovens de 15 a 17 anos não estão no banco escolar de nível médio. E provavelmente nunca vão estar ou quando estiverem já será tarde demais para entrar no mercado de trabalho. E muitos dos que lá estão abandonam a escola. Estamos melhorando, mas ainda há uma inércia.

Também faço pesquisas eleitorais e lido com muitos prefeitos. Percebo que nos municípios a demanda para se instalar faculdades é enorme, mas não é um esforço nacional. A Coréia do Sul fez isso: era um país mais pobre que o Brasil em renda per capita e atualmente está muito à frente do nosso País. A diferença: 30 ou 40 anos de esforço educacional gigantesco, o que projetou a economia coreana. Ricardo Paes de Barros, Carlos Langoni e outros economistas brasileiros mostraram que a desigualdade de renda no Brasil tem a ver com a desigualdade de escolaridade. A baixa produtividade está relacionada à baixa escolaridade.

O livro mostra que há uma desigualdade de mentalidade e que a falta de ética no Brasil está ligada à baixa escolaridade. As pessoas com mais escolaridade possuem mais valores éticos, mas não passamos pelos processos históricos que países como Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos passaram. Os Estados Unidos seguem como país com maior escolaridade média do mundo. Lá a doutrina cristã foi diferente daqui: os protestantes que foram para lá diziam que a pessoa ignorante é tomada pelo demônio e para fugir disso é preciso estudar. E assim foi feito o sistema escolar para todos. No Brasil não houve isso, mas agora não há mais mistério, porque sabemos o que deve ser feito. Muito obrigado a todos pela atenção.

Nota

* Francenildo Costa afirmou em depoimento que o então ministro Antônio Palocci freqüentava uma mansão em Brasília onde lobistas se reuniam, promoviam festas e partilhavam dinheiro proveniente de propinas. Trechos do extrato bancário do caseiro foram publicados pela revista Época na semana em que ele prestava depoimento à CPI dos Bingos e Palocci foi acusado de envolvimento no caso da quebra de sigilo.

O extrato indicava valores considerados "suspeitos", mas o caseiro justificou que o montante tinha origem em um acordo sobre reconhecimento de paternidade feito com seu pai biológico.

[Expediente](#)

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Prefeito: Cesar Maia

Controladoria Geral do Município

Controlador Geral: Lino Martins da Silva

Subcontrolador de Gestão: Vinícius Viana

Assessoria de Comunicação

Assessora: Sonia Virgínia Moreira

Cadernos da Controladoria

Organização de Eventos: Graça Louzada

Administração de Eventos: Vanda Pastro

Edição de Texto: Sonia Virgínia Moreira

Editoração, Capa e Fotos: Gabriel Campano

Transcrição de Áudio: Janaína Soares

Versão Online: Renato Gomes